

Projeto: Políticas Públicas para Crianças e Adolescentes em Situação de Rua: desafios da implementação

Levantamento da Produção Acadêmica sobre População Infantil e Adolescente em Situação de Rua no Brasil (2000-2015)

Coordenação: Irene Rizzini (PUC-RIO/CIESPI - Apoio: FAPERJ/CNE)

Ficha

1) Referência - RIBEIRO, Moneda Oliveira; OLIVEIRA, Márcia Aparecida Ferreira de; SILVA, Ana Luisa Aranha; BARROS, Sônia. O papel das drogas na vida da criança em situação de rua. Ter. Ocup. Univ. São Paulo, v. 14, n. 2, p. 79-84, maio/ago, 2003.

2) Resumo e Palavras-Chave - O texto aborda parte dos dados de um estudo referente à trajetória de vida de um grupo de crianças de rua, em idade escolar, que frequentavam dois refúgios da cidade de São Paulo. Os dados, coletados em entrevistas individuais, foram gravados, transcritos e analisados segundo método de Análise de Conteúdo e princípios da teoria da Representação Social. As categorias temáticas destacadas do discurso transcrito foram agrupadas em experiências significativas para as crianças, entre as quais “as drogas”. A síntese das categorias analisadas evidenciou que a violência permeia a vida dessas crianças, resultando em experiências que interferem em momentos críticos do desenvolvimento delas. As drogas constituem um dos agentes sociais agressores, sendo utilizadas como meio de inserção da criança nos grupos de pares que vivem na rua.

Palavras-chave: menores de rua; transtornos relacionados ao uso de substâncias psicoativas; saúde escolar; alienação social; criança institucionalizada; violência; adolescente institucionalizado.

3) Objetivo do estudo - Esse artigo consiste em apresentar um aspecto da realidade de um grupo de crianças de rua em idade escolar, enfocando sua relação com as drogas. Pretende-se assim, ajudar a subsidiar o profissional de saúde em busca de medidas alternativas para promover o desenvolvimento de crianças que se encontram em situação de rua.

4) Tipo de pesquisa - Qualitativa.

5) Período da pesquisa - Não informado.

6) Forma de coleta de dados - Participaram da investigação crianças de 7 a 12 anos que tinham história de vivência nas ruas da cidade de São Paulo. A coleta dos dados consistiu em entrevistas individuais, semiestruturadas, com o

intuito de identificar a representação das crianças em relação a sua auto-imagem, a seu grupo familiar, a seu meio comunitário e as demais relações relatadas por elas. Quinze crianças foram convidadas a participarem do estudo, houve uma única recusa. Das catorze entrevistadas, cinco estavam morando em um *abrigo* (estadia por tempo integral) administrado por uma instituição estadual, e as demais frequentavam um *albergue* (estadia noturna) administrado por uma entidade não-governamental aos responsáveis pelas referidas entidades e às próprias crianças. Teve-se a cautela de esclarecer, em linguagem simples e concreta, o objetivo da pesquisa, o procedimento das entrevistas e o sigiloso de sua identidade. As crianças e seus responsáveis (no caso, o guardião legal) também foram esclarecidos sobre o emprego de suas informações.

7) Forma de análise dos dados produzidos / referencial teórico utilizado - As entrevistas começavam com uma pergunta inespecífica (por exemplo: “fale sobre sua experiência na rua”, ou “o que uma criança sente quando mora na rua”) e transcorriam conforme a natureza da criança. Geralmente, as crianças falavam espontaneamente, apenas a algumas era preciso solicitar para esclarecerem colocações confusas ou para discorrerem seu relato com mais detalhe. As entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra. Desse modo, foi possível registrar com precisão os relatos das crianças e obter a visão delas em relação ao propósito do estudo. Os textos transcritos foram organizados segundo as técnicas de Análise de Conteúdo, descritas por Bardin (1979) e os fundamentos teóricos da Representação Social conforme explica Minayo (1993) e Spink (1993). Os temas abordados nos textos transcritos referentes às representações das crianças sobre as dificuldades enfrentadas em sua trajetória de vida foram organizados em categorias. Um dos temas que surgiu da análise do discurso das crianças entrevistadas originou a categoria “as drogas”.

8) Resultados / dados produzidos - Todas as crianças, sem exceção, eram dependentes da cola. Cheirar cola parecia ser a condição para a inserção das crianças em qualquer grupo. Isso não era explícito, mas elas deixavam transparecer que para pertencerem a um grupo, não poderia diferir-se entre si. O lema é “um por todos e todos por um”. Internamente, o grupo precisa estar em conformidade para que seus integrantes permaneçam unidos. Nesse caso, torna-se difícil estabelecer o limite entre solidariedade e cumplicidade. “Quem avisa, amigo é”. Esse provérbio é ignorado pelos membros do grupo no tocante às drogas. As crianças são conscientes que a cola “faz mal”, entretanto incitam até o melhor amigo a iniciar-se nessa perigosa aventura. A cola proporciona um falso bem-estar temporário e seu consumo torna-se uma rotina, sendo motivo de maus-tratos pela polícia ou de desavenças entre os pares de outros grupos. Normalmente, é no ciclo de amizade que se inicia a rotina de cheirar cola. Muitas vezes, é o amigo mais próximo que convida a criança a experimentar a droga. Eventualmente, essa iniciativa é da própria criança. O consumo da cola leva algumas crianças a iniciar o uso de outras drogas mais pesadas, geralmente o crack e/ou a cocaína, tornando-as muito dependentes desses entorpecentes. Uma vez dependentes das drogas, as crianças já não conseguem reintegrar em seu meio familiar: não aceitam restrições, resistem à disciplina e têm dificuldade de retomar seus estudos. Elas passam a viver um conflito permanente, sentem vontade de voltar para casa ou de reconstruir suas

vidas em situação mais favorável, sabem que a rua não é saudável para elas, mas não conseguem renunciar à vida na rua por causa da dependência da droga. Vivem assim, um círculo vicioso, um dilema: desejam abandonar a droga, mas não conseguem superá-la, recuam quando alguém as estimulam ao abandono da mesma.

9) Recomendações - As crianças em situação de rua contam, sobretudo, com os amigos para ajudá-las. Amigos que, por estarem nas mesmas condições e por serem crianças, ajudam muito pouco. Por isso, a solidariedade mútua não basta para suprir suas carências. Elas necessitam dos adultos, tanto do cidadão comum como das autoridades, para viabilizar ações efetivas com meta a solucionar seus problemas (que são tão desproporcionais a sua pouca idade). Do ponto de vista governamental, a solução dessa problemática social reside em rever as prioridades a que se destina o orçamento público. É necessário aumentar a parcela dos orçamentos nacional e estadual que vem sendo, de modo restrito, destinada à saúde e educação. Mas, somente a manifestação da sociedade civil poderá reverter as prioridades do orçamento público em prol da criança e do adolescente. Do ponto de vista dos cidadãos, cada um, principalmente os que trabalham nos setores prioritários de atendimento à criança, ou seja, na saúde e na educação, podem contribuir para a solução do problema. Mas as atuações envolvem uma participação que transcende o âmbito da assistência a nível hospitalar ou escolar. É preciso maior engajamento nas diversas possibilidades de atuação a favor da criança em situação de exclusão social.

10) Observações e destaques - Como discussão da pesquisa, as autoras utilizaram as reflexões de Whaley e Wong (1989) sobre a inalação da cola plástica (hidro e fluorocarboneto) em sacos plásticos ou de papel, que produzem euforia e alteram a consciência. E de Tiba (1996), que apresenta duas razões principais que justificam o envolvimento de crianças ou jovens com a droga. Baseando-se em sua experiência, conta que *“os casos mais complicados de delinquência ou abuso de drogas recebem uma contribuição enorme da falta de ação do pai. Em última instância, o pai é o grande controlador e a mãe, a grande apoiadora. (...) Não há nenhuma proibição na família, eles fazem tudo o que querem. (...) Com o uso de drogas, é a mesma coisa: o filho não respeita seu próprio limite e vai abusando, abusando, e depois perde o controle porque a droga distorce a personalidade. Quando falha o grande controlador, que é a família representada na figura do pai, os abusos começam a acontecer. E, quando um abuso é bem sucedido, ele se estende para o social, na delinquência, na compulsão pelas drogas”*. O autor pondera sobre outra possibilidade que favorece a aproximação com a droga. Parece conciliar o pensamento de Bowlby (1981, 1990, 1993) e Erikson (1971, 1987) quando estabelece uma relação entre as fases do desenvolvimento infantil e o consumo de drogas. Ele diz que se as etapas do desenvolvimento dos primeiros anos de vida da criança forem frustradas por ausência ou excesso de zelo materno, ela não completa seu ciclo de formação da personalidade. O autor denomina esse processo incompleto de “personalidade aberta” e o processo completo chama de “personalidade formada”.

Ficha construída a partir de trechos extraídos do texto original.